

Capítulo 3

A busca do parceiro ideal na atualidade: mitos e verdades

Cristiane Galvão Ribeiro
Lúcia dos santos Barreto
Danielle Aires Colaço
Danilla Alves de Almeida
Hedilei Silva dos Santos
José Modesto Júnior
Maria Luiza Oliveira de Carvalho

Neste texto, aponta-se como parceiro, alguém que se relacione afetivamente com outro, caracterizando uma relação íntima, que segundo Alferes (1996) é uma relação interpessoal de amor. O parceiro é caracterizado, sobretudo, pela estabilidade da associação entre duas pessoas, que é inversamente relacionado à probabilidade que uma pessoa vai deixar a relação. Refere-se à adesão de uma pessoa a uma relação específica, mesmo quando fatores ambientais se interpõem contra a associação (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2002).

Para García (2000), o estudo do amor é uma das áreas de maior relevância na Psicologia Social e Ubillos et al (1997), apontam que cada vez mais o amor é considerado como um fenômeno universal por psicólogos, antropólogos e outros estudiosos.

De acordo com Almeida e Madeira (2014), o amor é um sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos



relacionados muitas vezes à felicidade para o ser humano, diferente da paixão, que embora contenha extremos sentimentos de alegria e tristeza, não resiste há mais de dois anos. Presume-se que o amor seja universal, influenciado pela cultura em que lhe abarca, porém continua sendo sinônimo de felicidade em todos os ambientes, dificilmente se busca a solidão, segundo Meyers (2012), o homem tem sua natureza social, assim, o amor e a busca do parceiro vem acrescentar encanto a vida social com o outro.

Ao longo do tempo, com a evolução das sociedades, o amor tem sofrido alguns impactos. Com o advento do amor romântico, este se libertou das amarras das convenções sociais, pactos econômicos, dogmas religiosos e tornou-se o ideal de relação para o ocidente até os dias atuais. Anos se passaram, os tempos são outros, mas o comportamento afetivo e sexual humano traz em suas raízes os mesmos mecanismos psicológicos de séculos atrás. Felipe (2007) caracteriza o amor como romântico quando ele é regido por uma idealização que se estende aos seguintes aspectos: a ideia de intensidade (em si mesmo e no outro, para quem o amor se destina), a concepção de completude, de eternidade e de entrega. Dessa forma, os enamorados exacerbam o sentimento de amor como se ele fosse o responsável pela felicidade eterna do parceiro e por sua exclusividade. Nesse sentido, percebe-se que o ponto nevrálgico paira na forma como o amor romântico é idealizado e materializado nas relações amorosas e não no sentimento em si.

Neste sentido, algumas teorias e concepções foram formuladas na tentativa de compreensão do amor romântico e suas consequências na vida de quem o vivencia. O psicanalista Ângelo Gaiarsa (2004) aponta que o amor não pode ficar restrito a determinadas amarras, para ele a família monogâmica não se constituiu nem para a felicidade nem para a realização pessoal, podendo ser uma “armadilha” em forma de ideação narcísica. Ribeiro (2011) afirma que o ideal do amor romântico traz consequências negativas principalmente as mulheres, que suportam relações doentias e violentas a fim de manter este ideal gerado na maioria das vezes na infância, fomentado por fortes pressões sociais.



Capítulo 3 - A busca do parceiro ideal na atualidade: mitos e verdades

Complementarmente, o psicólogo norte americano Sternberg (1997), formulou uma teoria segundo a qual o amor englobaria três componentes distintos a intimidade, a paixão e o compromisso. No que toca à intimidade, estaríamos perante uma relação de confiança mútua que inclui a proteção e a necessidade de estarmos perto do outro. A paixão, que se baseia essencialmente na atração sexual, envolve um sentimento irreprimível de estar com o outro. Por sua vez, o compromisso é a expectativa de que o relacionamento dure para sempre, numa intenção de comprometimento mútuo.

Numa perspectiva mais contemporânea, o sociólogo britânico, Giddens (1993) afirma que a erosão das tradições no mundo atual, permitiu aos indivíduos definirem com maior liberdade pessoal o que querem para as suas vidas e fazerem escolhas que os definem e que constroem a sua própria identidade. Neste novo contexto, surgiu aquilo a que ele chama “amor confluyente” uma situação em que as pessoas mantêm a relação por ela própria e não por filhos, interesses familiares ou económicos. As pessoas apenas permanecem juntas enquanto a relação se revela gratificante, enquanto ambas as partes se sentem satisfeitas e decidem permanecer juntas.

Em suma, percebe-se que mesmo após a conquista de direitos e liberdade sexual das mulheres, a busca pelo parceiro ideal continua a mesma entre os gêneros. Esta “eterna” busca, pode ser explicada por Costa (1998), quando aponta que na sociedade ocidental esse sentimento é muito valorizado e o discurso que o circunda traz sempre a ideia de que sem amor estamos amputados de nossa melhor parte.

Independente da concepção do amor e suas reais ancoragens sociais, as pessoas continuam se unindo, por casamento ou não, com o ideal de uma vida perfeita, em que o “outro”, venha trazer felicidade e segurança, e é neste momento que segundo Costa (1998), o amor torna-se vulnerável. Percebe-se que o “outro” é uma mera projeção de sonhos e fantasias muitas vezes reforçada pelo imaginário popular da nossa sociedade ocidental. E entres buscas e desilusões, cresce cada vez mais o número de divórcios, relações afetivas rompidas, e, conseqüentemente



os recasamentos e as novas relações, alimentando este “ciclo da busca do parceiro ideal”.

Para reforçar este segmento, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012), em 2012, a taxa de divórcio teve o seu ápice, foi de 2,5%, passou de 1,2 para 1,3 por mil pessoas e atingiu seu maior patamar desde 1995. Por outro lado, aumentou também a proporção de casamentos nos quais um dos cônjuges ou ambos eram divorciados, de acordo com este órgão, em 2012, os casamentos entre cônjuges solteiros ainda predominam, mas com tendência de decréscimo. Desde 2002, a redução foi de 8,4 pontos percentuais, passando de 86,6% para 78,2% do total de casamentos. Entretanto, os recasamentos vão ao sentido inverso: de 13,4% em 2002 para 21,8% do total das uniões formalizadas em 2012.

Diante destes pressupostos se faz importante um maior aprofundamento nesta temática, a fim de compreender sob a proposta das premissas científicas, o que acontece com homens e mulheres nesta constante busca da felicidade, no outro. Neste sentido, o estudo das Representações Sociais se faz muito importante, pois segundo Jodelet (2001), este tipo de conhecimento modela as condutas, fazendo-nos compreender o que dá origem a estes comportamentos, muitas vezes guiados pelo mundo externo carregados de signos culturais.

É desse modo evidente que as representações sobre a individualidade e, conseqüentemente, sobre as relações interpessoais e conjugais fazem parte de um contexto socialmente compartilhado. Neste contexto, ganha relevância e sentido para a investigação das relações íntimas a análise das representações sociais a elas vinculadas.

Por isso permanece importante saber se essa busca tem mudado com o passar dos tempos, essa constante navegação rumo à felicidade conjugal ainda baseia-se no ideário do amor romântico? Existem fórmulas pré-estabelecidas nestas conquistas ou já se percebe seres maduros e completos vivenciando a liberdade do amor confluyente?



O estudo de campo

Para tanto, foi feito um estudo de campo, descritivo e de natureza qualitativa. Buscou-se investigar por meio de um questionário semi estruturado o que os respondentes percebiam como uma relação conjugal, quais seriam os fatores importantes nesta relação, e quais as diferenças entre o parceiro real e o parceiro idealizado por eles.

Participaram desta pesquisa, por meio de uma amostragem acidental, 116 pessoas, (sendo 49 homens e 67 mulheres), com parceiros estáveis e idades entre 18 e 59 anos, entre funcionários e alunos, de uma universidade particular da cidade de João Pessoa, de diferentes escolaridades e renda. Os resultados do questionário foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temática de Bardin (2010). Esta técnica consiste em fragmentar o discurso dos participantes em pequenas unidades temáticas agrupadas em categorias de significados semelhantes, dando um sentido único ao discurso, não mais de forma individual, mas grupal. Os dados foram coletados seguindo todos os princípios éticos que são preconizados para pesquisas envolvendo seres humanos.

Resultados e Discussões

Optou-se por fazer as análises dos homens separada das mulheres, a fim de verificar diferenças e semelhança entre os gêneros.

Observou-se que o discurso das mulheres participantes deste estudo gerou um conhecimento composto por com 03 categorias, 12 subcategorias e 229 unidades temáticas que dizem respeito às percepções de um relacionamento conjugal, os fatores importantes nesta relação e as diferenças entre o parceiro atual e o parceiro ideal.

Verificou-se que no discurso dos homens participantes emergiu um conhecimento composto pelas mesmas 03 categorias das mulheres, 13 subcategorias e 216 unidades temáticas que dizem respeito às percepções de um relacionamento conjugal, os fatores importantes nesta relação e as diferenças entre o parceiro atual e o parceiro ideal.



No que tange à “*Percepção de um Relacionamento Conjugal*”, tanto homens quanto mulheres o representam como uma estratégia de compartilhar a vida numa relação que envolve duas pessoas. Essas representações se ancoram no conceito de amor confluyente

Compartilhar a vida com a pessoa que amamos/ compartilhar momentos bons e ruins e crescerem juntos/ compartilhar momentos/ sejam eles bons ou ruins/ espaço de constantes trocas e crescimento pessoal/ uma relação de cumplicidade/ onde dois se somam ao tempo que se multiplicam/ É uma relação onde o casal divide e combinam as atividades do dia a dia/ o comprometimento com a relação a dois/ É aquela onde você compartilha seus sonhos e metas/ o apoio entre ambos para alcançar seus objetivos pessoais/ a caminhar juntos/ É uma convivência mútua/ de entrega e partilha em todos os momentos na vida do casal/ É uma troca/ um compartilhamento de ideias/ sonhos e frustrações/onde há onde existe cumplicidade/e entrega mútua/ amparar o outro em seus projetos/ Um casal vive para que haja uma complementação como pessoa. (de quem é esse trecho)??

Estes discursos entrelaçam falas masculinas e femininas, observa-se aqui uma harmonia nas elucidações. Homens e mulheres constroem suas representações sociais ancoradas no que Giddens (1993) chama de amor puro, uma das características do amor confluyente, que implica em desenvolver uma história compartilhada, onde há igualdade na relação nas trocas afetivas e no envolvimento emocional. Percebe-se que nestas falas, trocas afetivas, sociais e comportamentais, onde o casal compartilha atividades do dia a dia, sentimentos e um compromisso com a relação, demonstrando a responsabilidade mútua no seu crescimento.

Em ambos os discursos emergiram representações sociais das relações conjugais objetivadas por meio do casamento e formação da família, demonstrando que a união por meio do casamento tradicional ainda perdura no imaginário popular. Nestes discursos observamos o ideal de uma família, da perpetuação da espécie e a manutenção de um modelo vigente na sociedade há séculos. Apontando que apesar das mudanças vivenciadas atualmente, a família e o casamento permanecem,

Capítulo 3 - A busca do parceiro ideal na atualidade: mitos e verdades

provavelmente ancorado em valores mais igualitários, no qual os seus membros se apoiam mutuamente em busca do crescimento, conforme se verifica a seguir:

Para estruturar uma família/ e constituir família/ viver até o fim da vida/ União estável/ Relacionamento de construção par um futuro melhor/ é um casamento / A relação estabelecida entre dois cônjuges/ É uma relação afetiva entre duas pessoas/ É a união entre duas pessoas/ duas pessoas pretendem viver juntos/ Vivência harmônica entre duas pessoas/ (????)

Ainda tangente às representações das relações conjugais, parece que o discurso das mulheres é mais homogêneo, ancorando suas representações em três subcategorias: compartilhar a vida, numa relação a dois e construindo uma família. Entretanto, no discurso dos homens emergiram mais subcategorias, apontando para o conflito conjugal e a busca da felicidade. Segundo os homens participantes desta pesquisa, embora com menos frequência nas elucidações, o conflito aparece como algo inerente à relação: “*É cheiro de alto e baixo, cheio de conflito/ diante de todos os obstáculos que a vida impõe*”. Estas falas mostram a sensibilidade do homem contemporâneo, no qual compreende as nuances de uma relação e, provavelmente podem apresentar mais habilidade para enfrentar as possíveis crises da relação, do que outrora. Outro relato que demonstra uma maior sensibilidade masculina ao longo do tempo é na seguinte fala: “*em busca da felicidade/ e buscar fazer ela feliz*”, tais falas apontam também a responsabilidade masculina no sucesso da relação.

Na segunda categoria, denominada “*Fatores Importantes na Relação*”, podem-se observar algumas características que os respondentes buscam em seus parceiros. Também neste caso, as subcategorias foram idênticas entre os gêneros, ou seja, independente de serem homens ou mulheres, ambos buscam as mesmas características no outro, com exceção da subcategoria “*comunicação*” que emergiu apenas no discurso do grupo feminino. No que se refere à subcategoria “*expressões do caráter do outro*”, se verificam representações objetivadas em sentimentos e comportamentos que despertam a segurança na relação: “*Respeito (18)*



Honestidade (2) / fidelidade (11) / Sinceridade (2) Confiança (12) / Respeito (7) / consideração". Percebe-se aqui mais uma vez a igualdade nas relações, é evidente entre os participantes os atributos desejados, eles querem uma relação que lhes transmita segurança, precisam confiar em seu parceiro, sendo a fidelidade um atributo ainda importante nas relações atuais, no imaginário popular, a traição ainda é banida e não aceita, neste sentido ela está ligada inversamente a confiança, e põe em cheque a honestidade do parceiro. Segundo Tessari (2004) em Almeida (2014), existe uma crença de que os homens trairiam mais do que as mulheres, mas este estudo aponta que ambos priorizam a fidelidade, honestidade, sinceridade para que haja respeito e consideração nas suas relações.

"Por esta razão a "cumplicidade" emerge como mais uma subcategoria comum aos dois grupos, conforme as falas a seguir:" *amizade (3) / afinidades entre as partes/ Apenas compreensão de ambos os lados/ companheirismo (2) / diálogo/ cumplicidade/ cuidado/ um tenta ajudar o outro (2)*". Estes atributos demonstram representações ancoradas tanto no amor romântico, quanto no amor confluyente, no qual o casal busca crescer junto, mas ao mesmo tempo, aponta uma dependência mútua, muitas vezes necessária para um casal em certa dose.

Os "afetos positivos" apontados pelos dois grupos demonstram a importância dos sentimentos na relação: "*Amor (16) / afetividade/ bom humor/carinho (2) / sentimento que precisa ser renovado através de gestos e/ou atitudes positivas*". Embora a frequência das mulheres tenha sido maior do que no discurso masculino, ambos priorizam o amor. Não basta ter confiança, respeito, companheirismo, metas em comum, o amor ainda é a mola mestre das relações afetivas, demonstrando que o amor romântico ainda perdura nos ideais de homens e mulheres na busca de seus parceiros.

A individualidade e a flexibilidade também emergiram como subcategorias importantes na relação a dois. Apesar de buscarem a confiança no outro através da fidelidade, respeito, honestidade e cumplicidade, a individualidade também emerge como um fator que preserva a identidade do outro na relação:



Capítulo 3 - A busca do parceiro ideal na atualidade: mitos e verdades

Respeitando, todavia, a individualidade de cada um/ É preciso que um respeite o outro e a individualidade de cada um/ de forma a manter a individualidade de cada um/ existem diferenças e nem segue os dois irão pensar da mesma forma/ respeito à individualidade de cada um/ sem perder a sua individualidade e as necessidades pessoais/ sem obrigações que afetem drasticamente o indivíduo/ Se não houver compreensão das diferenças entre os indivíduos. (???)

Este é o fascínio e ao mesmo tempo a complexidade das relações a dois. Implica viver como um só, mas ao mesmo tempo preservando as diferenças, que por acaso são muitas. Essas diferenças, segundo Silva (2004) são discursivas e socialmente construídas, mas a distinção conserva a sua utilidade, ou seja, é preciso considerar a diferença como o processo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença são produzidas. A flexibilidade aqui nesta análise surge na perspectiva dos homens e mulheres participantes como um meio de alcançar a harmonia no convívio com essas diferenças. Por fim, o sexo surge como uma subcategoria presente nos dois grupos, mas com menor frequência, isto é, é um elemento presente e importante na relação, mas não uma prioridade. Percebe-se que o sexo apenas, não é um elemento que sustenta um casamento, pois segundo Falcão (2013) com o tempo, o fogo da paixão se acaba, e é nessa fase que o amor profundo e o relacionamento verdadeiro começa.

Ainda no que se refere à categoria “Fatores Importantes na Relação”, à subcategoria “comunicação” emergiu apenas no grupo feminino. A verdadeira comunicação permite que se possa conviver assertivamente com as diferenças que o convívio conjugal impõe. A comunicação parece realmente ser uma característica mais feminina, principalmente no que tange as relações amorosas. Neste sentido, Gray (1996) assevera que os homens quando se aborrecem, querem silêncio e solidão. Já as mulheres, quando chateadas, falando, se acalmam, segundo o autor, ele deve escutá-la, e ela compreender seu silêncio. Conclusão: marido e mulher não falam a mesma língua. Assim, segundo Dela Coleta (1989), os principais motivos relacionados ao fracasso conjugal são as discussões e as brigas, ou seja, uma comunicação não assertiva. Dito



de outra forma, deficiências na comunicação estabelecida nos assuntos mais corriqueiros do dia a dia podem levar a relação ao fracasso.

A última subcategoria da análise, denominada “Diferenciação entre o parceiro real e a ideal” nos aponta um melhor entendimento da satisfação quanto à escolha do parceiro. Lembrando que todos os participantes desta pesquisa estão em uma relação estável, assim, nos seus discursos observamos suas expectativas e possíveis frustrações nas suas relações. Nesta categoria houve uma grande diferença na avaliação e atitude de homens e mulheres no que refere à escolha de seus parceiros. Para os homens emergiram duas subcategorias: “Não há” e “Adaptação”. Ou seja, para a maioria dos homens não existe diferença entre a parceira atual e a parceira que ele idealizou, ou seja, provavelmente não houve essa idealização, desta forma o nível de expectativa é menor e maior a satisfação. É o que percebemos na segunda categoria, denominada “Adaptação”, conforme se observa nestas falas:

Nem tudo que queremos acontece/ A escolha de uma pessoa vai além do racional/ As pessoas devem se adaptar as diferenças e entender que não existem pessoas perfeitas/ Não existe a relação ideal/ existe sim o constante empenho entre as partes/ para um melhoramento constante da relação/ inclusive, por existir fatores adversos na relação/ a exemplo de filhos, pais, avós, amigos, entre outros.

Culturalmente os homens constroem menos expectativas quanto às relações conjugais, diferentemente das mulheres, que desde crianças sonham com seu príncipe encantado, que vem pronto e acabado, prestes a realizar todos os seus sonhos, conforme se verificou nas suas falas, pautadas em duas subcategorias, “Frustração” e “Realização”, ou seja, existe uma bipolaridade nas suas expectativas, diferentes da dos homens que encontram um meio termo como possibilidade, adaptando-se as novas demandas de uma vida a dois.

Observa-se a seguir o discurso sobre a frustração de algumas mulheres: *“nós sonhamos com um príncipe encantado/ que na verdade não existe/ Assim aconteceu comigo, pensei uma coisa e foi outra/ a diferença é a ignorância”*.



Capítulo 3 - A busca do parceiro ideal na atualidade: mitos e verdades

Por outro lado, algumas se dizem realizadas por meio da relação conjugal, projetando no homem suas expectativas de uma vida feliz: *“Foi tudo que sempre sonhei/ pois é tudo o que preciso que alguém seja para mim/ desejo que seja/ Com todos os seus defeitos ele é perfeito pra mim/ mas tudo bem eu o amo do mesmo jeito/ Agora visualizo melhor as suas qualidades/, bem como os seus defeitos/ me faz feliz”*.

Segundo Falcão (2013), o idealizador espera que o outro atenda todas as suas expectativas, e esse comportamento são adquiridos na infância, quando a mulher brinca de casinha idealizando o marido que foi trabalhar e logo vai chegar para cuidar da casa. Segundo a autora, só consegue construir um relacionamento feliz quem enxerga o outro sem esse estereótipo, sem se prender ao príncipe que povoou os mais profundos sonhos femininos na infância advindos dos filmes e contos infantis.

Considerações finais

Por meio deste estudo, verificou-se que as relações conjugais e a busca do parceiro ideal são processos complexos, multifacetados e que possuem influências socioculturais com algumas peculiaridades quanto ao gênero. Perceberam-se algumas mudanças no modelo de amor priorizado pelos pares. Neste sentido, independente do gênero, as pessoas buscam uma relação estável priorizando principalmente a confiança que esta relação pode proporcionar, muitas vezes culminando na formação de uma família tradicional. Esta confiança, geralmente baseada na fidelidade e cumplicidade do outro, pode ser o cerne para uma vida a dois, onde haja o compartilhamento das situações adversas e felizes.

Os casais querem dividir suas cargas e alegrias numa relação recheada de amor, carinho e respeito mútuo, entretanto, preservando suas individualidades apontando sinais de um amor confluyente, onde duas pessoas “inteiras” se unem com o propósito de se apoiarem e serem felizes enfrentando seus desafios diários, sem fortes sinais da dependência emocional preconizada pelo modelo do amor romântico.



O sexo emergiu para ambos os grupos como algo importante na relação, mas não por si só, capaz de manter a união, que com o tempo se sustenta na confiança, respeito e carinho que só o amor proporciona. A comunicação na relação a dois foi destacada apenas pelas mulheres, demonstrando que realmente pode haver uma maior necessidade feminina de ser ouvida e compreendida pelo companheiro.

No que tange à satisfação com a escolha do parceiro, as mulheres pareceram criar mais expectativas que os homens, gerando mais frustrações, provavelmente por idealizarem mais, comportamento este adquirido socialmente imposto às mulheres desde a infância. Enfim, independente do gênero, homens e mulheres buscam uma vida a dois, não querem a solidão, e em meios a tantas adversidades sociais, a relação com o outro pode ser uma ferramenta de enfrentamento mais saudável para uma vida melhor.

Referências

ALFERES, V. R. Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Orgs.). **Psicologia social**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. p. 115-139.

ALMEIDA, T. (Org). **Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois**. São Carlos: Compacta, 2013. 456 p.

ALMEIDA, T. Infidelidade heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos. **Pensando Famílias**, v. 11, n. 2, p. 49-56, dez. 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, Lisboa: Edições 70, 2010.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DELA COLETA, M. F. A medida da satisfação conjugal: adaptação de uma escala. **Psico**, n. 18, n. 2, p. 90-112, 1989.



Capítulo 3 - A busca do parceiro ideal na atualidade: mitos e verdades

FALCÃO, J. Idealização: o caminho mais curto para a Decepção. In: ALMEIDA, T. (Org). **Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois.** São Carlos: Compacta, 2013. p. 69-84.

FELIPE, J. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: Seminário Corpo, Sexualidade e Gênero: discutindo práticas educativas, 3., 2007, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: FURG, 2007.

GAIARSA, J.A. **Amores perfeitos.** São Paulo: Ágora, 2004.

GARCÍA, C. Y. **El amor desde la psicología social.** Madri: Pirâmide, 2000.

GRAY, J. **Os homens são de Marte, as mulheres são de Vênus.** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais 2012.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010961811202012185527900054.pdf>. Acessado em: 10/03/2014.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELE, D. (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 17-41.

MEYERS, D. **Psicologia.** São Paulo: LTC, 2012.

RIBEIRO, C.G. **Representações sociais da violência doméstica: qualidade de vida e resiliência entre mulheres vítimas e não vítimas.** 2011. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.



RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. **Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, T. T. (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

STERNBERG, R. J. Construct of a triangular love scale. **European Journal of Psychology**, v. 27, p. 313-335, 1997.

UBILLOS, S. et al. Amor, cultura y sexo. **Revista Electrónica de Motivación y Emoción**, 1997. *Disponível em:* <http://reme.uji.es/articulos/aubils9251701102/texto.html>. Acesso em 12 de junho de 2010.

